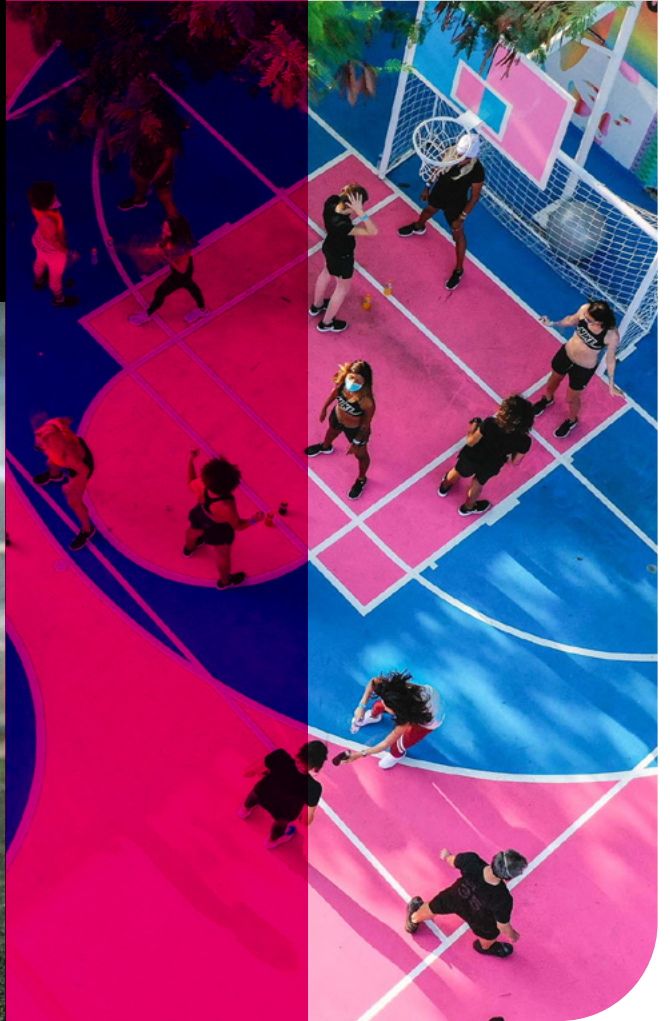




# DIVERSIDADE & INCLUSÃO NO ESPORTE

REFLEXÕES SOBRE OS MAPEAMENTOS DE COLETIVOS, EVENTOS E TORCIDAS DE FUTEBOL LGBTQIA+



**Título:**

Diversidade & Inclusão no Esporte:  
reflexões sobre os mapeamentos de coletivos, eventos  
e torcidas de futebol LGBTQIA+

**Coordenação geral e texto:**

Fabricio Addêo Ramos

**Edição:**

Bruno Teixeira

**Revisão:**

Bruno Teixeira  
Angélica Valente

**Fotografia da capa:**

Gustavo Dantas

**Design e diagramação:**

Karen Saji

**Apoio:**

Bruna Gimenes  
Fernanda Molinaro  
Luiz Henrique Leão  
Vitor Avileis Abud

**Idealização e financiamento do estudo:**

FISIA - Distribuidora Oficial Nike no Brasil

**Organização:**

NIX DIVERSIDADE E ECONOMIA SOCIAL

Presidente: Coraly Pedroso

CNPJ: 04.332.178/0001-90

**São Paulo - SP**

**2023**

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

### OS COLETIVOS INCLUSIVOS DE ESPORTE LGBTQIA+

Mais de 120 coletivos mapeados, e seguimos contando! _____	7
Modelo de gestão (e integração) dos coletivos _____	9
O desafio trans no acesso ao esporte _____	9
Gaymada, a bola da vez _____	10

### EVENTOS INCLUSIVOS DE ESPORTE LGBTQIA+

A inclusão no esporte por meio da diversidade de eventos _____	11
Mapeamento de eventos LGBTQIA+: a nova ferramenta da parceria entre NIX e Nike _____	13
Entre as peculiaridades, a criação das ligas e os eventos multiesportivos _____	14
Eventos LGBTQIA+ ou eventos gays? _____	15

### TORCIDAS DE FUTEBOL LGBTQIA+

Por que falar de futebol é tão relevante? _____	16
As torcidas pioneiras _____	17
Após um hiato, o grito de basta _____	19
Sem mais retrocesso: as torcidas que vieram para ficar _____	21
Da presença nos estádios para as próximas conquistas _____	23

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

# INTRODUÇÃO

A partir da divulgação atualizada, ampliada e integrada dos mapeamentos de coletivos, eventos e torcidas de futebol LGBTQIA+, a Nix Diversidade e a Nike reafirmam seus compromissos em fomentar iniciativas junto à comunidade que contribuam com o acesso e uma melhor experiência com o esporte, em suas diferentes manifestações e dimensões.

A parceria iniciada em 2021 já viabilizou, no último ano, a publicação "**Diversidade & Inclusão no Esporte: estudo sobre as conquistas e os desafios da comunidade LGBTQIA+ no Brasil**". Além do inédito resgate histórico sobre o desenvolvimento do esporte no país a partir da perspectiva LGBTQIA+, o estudo também contemplou um levantamento com 1037 pessoas que indicou, entre outros dados e informações relevantes, que 42,8% da comunidade não têm acesso ao esporte.

**42,8%**

da população LGBTQIA+ não têm acesso ao esporte.

Os principais motivos para que não pratiquem modalidades esportivas são:

1. **Falta de tempo** (26,3%)
2. **Falta de companhia** (20,6%)
3. **Relatos de homofobia, transfobia ou outras discriminações, assim como bullying ou assédio** (18,3%)

**63,5%**

dos participantes relataram ter sido discriminado ou presenciado algum LGBTQIA+ sendo discriminado ao praticar esporte.

**68,4%**

dos participantes entendem que o esporte tem muita importância para suas vidas; e 80,2% consideram o esporte muito importante para a sociedade.

**Entre as pessoas não ativas, as modalidades esportivas mais desejadas são:**

1. **Natação** - 32%
2. **Vôlei** - 27,8%
3. **Corrida** - 9,9%
4. **Futebol** - 5,8%
5. **Skate** - 5,1%

**Entre as pessoas ativas, as modalidades esportivas mais praticadas são:**

1. **Corrida** - 25,2%
2. **Vôlei** - 22,1%
3. **Futebol** - 12,4%
4. **Natação** - 10,1%
5. **Ciclismo** - 6,1%



Frente a este cenário, um movimento crescente foi apontado no estudo como fundamental para superar tais barreiras: trata-se da criação de **coletivos esportivos** pela própria comunidade. Cada vez mais, as pessoas LGBTQIA+ no Brasil têm se organizado em grupos com atividades contínuas e abertas ao público para prática de suas modalidades prediletas. O fenômeno que começou em 1990, ganhou impulso e pluralidade em 2015 com o surgimento de dezenas de coletivos. A partir da divulgação do mapeamento inicial em 2022 até o momento atual, o número de coletivos cadastrados no site da Nix saltou de 60 para mais de 120. Na sequência, serão apontadas algumas reflexões sobre esse crescimento, reforçando a importância da atualização do monitoramento.

Em paralelo à expansão dos coletivos, a comunidade também começou a se mobilizar para realizar amistosos, encontros e torneios para prática do esporte amador e recreativo. As iniciativas foram percebidas pelo poder público e empresas como uma oportunidade de contribuir para a inclusão no esporte, fazendo com que alguns desses eventos passassem a receber apoio, como estratégia de políticas públicas e privadas.

Reconhecendo a relevância dessas ações para tornar o ambiente esportivo mais acessível para a população LGBTQIA+, a parceria entre Nix e Nike passa também a realizar o **mapeamento de eventos esportivos** no Brasil. Afinal, os eventos representam uma tendência para o maior desenvolvimento do esporte junto à comunidade, facilitando a articulação em rede e incentivando a formação de outros coletivos, além de serem vetores de visibilidade e representatividade.

Em direção contrária, o ambiente do futebol masculino de alta performance ainda pode ser visto como o principal adversário na luta contra a LGBTfobia no esporte, ao ponto de 89,9% da comunidade relatar que há muito preconceito contra pessoas LGBTQIA+ em sua prática. Diferente do que vem ocorrendo em outras modalidades, nesta, não há atletas profissionais masculinos atuando profissionalmente que se assumam publicamente homossexuais ou bissexuais.

Nesse contexto desafiador, uma das principais expressões da participação da comunidade LGBTQIA+ no futebol se dá por meio da organização de **torcidas** - o que justifica a realização de mapeamento específico para valorização desse movimento. Neste relatório, será feita uma breve análise do processo histórico de formação desses grupos, que já soma mais de quatro décadas, assim como considerações sobre as torcidas hoje existentes e que estão protagonizando a luta dentro e fora dos campos.

Portanto, com o objetivo de enaltecer o papel dos coletivos, eventos e torcidas de futebol nessa jornada de tornar o esporte um hábito diário para todas as pessoas, a Nix Diversidade e a Nike convidam o público, organizações e empresas a conhecer algumas das iniciativas da comunidade LGBTQIA+ em prol da cultura esportiva no país. É uma oportunidade de perceber que o protagonismo LGBTQIA+, além de impulsionar a própria inclusão da comunidade nas práticas e vivências esportivas, também contribui para a valorização e a disseminação do esporte como direito fundamental na promoção da saúde, bem-estar e desenvolvimento humano.

# OS COLETIVOS INCLUSIVOS DE ESPORTE LGBTQIA+

## MAIS DE 120 COLETIVOS MAPEADOS, E SEGUIMOS CONTANDO!

O conjunto atual de coletivos cadastrados no mapeamento apresenta uma rede mais complexa, plural e abrangente do território nacional. Ainda que a maior incidência de grupos esteja em São Paulo e no Rio de Janeiro, o fenômeno se espalha e intensifica pelo país. Os 124 coletivos mapeados – até o momento – estão presentes em 8 estados e no Distrito Federal, representando 24 modalidades. As modalidades mais frequentes são:

### 1. (64 coletivos)

Futebol, fut7 e futsal

### 2. (50 coletivos)

Vôlei

### 3. (13 coletivos)

Gaymada

### 4. (9 coletivos)

Handbol

### 5. (3 coletivos)

Basquete

Corrida

Vôlei de praia

\* Alguns coletivos podem praticar mais que uma modalidade.

Como critérios para a inclusão dos coletivos no mapeamento, além de ser uma reunião de pessoas para a prática de alguma atividade física ou modalidade esportiva, foi definido que:

- **O coletivo deve se autodeclarar como parte de algum segmento LGBTQIA+ e deve ser formado predominantemente por pessoas desse grupo social. Vale destacar que há coletivos que não se declaram inclusivos para pessoas LGBTQIA+ ou que, apesar de terem maioria de pessoas da comunidade, não querem ser identificados assim.**
- **O coletivo deve dar publicidade de suas atividades em algum meio de comunicação, seja redes sociais, sites, grupos no WhatsApp ou outras formas de tornar públicas suas atividades e, preferencialmente, permitindo a adesão de novos membros.**
- **O coletivo deve ter atividades organizadas e com certa periodicidade. Ou seja, promover, com alguma regularidade, encontros, treinos ou outras ações tendo a prática do esporte como finalidade.**

A fim de avaliar as principais características dos coletivos, são aplicados questionários para acrescentá-los no mapeamento, quando são solicitadas informações sobre suas atividades, participantes e representantes. Devido aos variados estágios de organização de cada grupo e por questões de privacidade, as informações que o mapeamento oferece para o público são básicas: cidade e estado sede; contato por meio de rede social (Instagram); e os perfis das pessoas LGBTQIA+.

Essa última informação nem sempre condiz com a formação atual do coletivo, pois muitos dos grupos, apesar de acolherem toda a comunidade, ainda não possuem pessoas ativas de todos os segmentos. Por exemplo, há grupos formados predominantemente por gays e cisgêneros que gostariam de ter pessoas trans como participantes.

Importante também destacar que grande parte dos coletivos é formada por homens gays. Mesmo diante da possibilidade de integrarem times predominantemente cis heterossexuais, eles continuam preferindo o ambiente inclusivo gerado pela comunidade.



## MODELO DE GESTÃO (E INTEGRAÇÃO) DOS COLETIVOS

Os grupos possuem, em sua grande maioria, um modelo de gestão focado no autofinanciamento por meio da contribuição dos próprios integrantes e um núcleo de participantes responsável pela organização geral. Contudo, há alguns coletivos que já desenvolvem outras ações de captação de recursos por meio de parcerias e venda de produtos. Raros são os coletivos que apresentam formalização jurídica, um movimento em ascensão a ser observado nos próximos anos.

Parte destes coletivos realiza eventos que, além de promover o esporte inclusivo, fortalecem suas redes de conexão com outros grupos e geram oportunidades para o surgimento de novas iniciativas. Em alguns casos, as inscrições para participação nesses eventos, além de pagar os custos de suas produções, também geram alguma renda extra, mesmo que esse não seja o objetivo primário da ação.

## O DESAFIO TRANS NO ACESSO AO ESPORTE

A comunidade trans começa a se fazer mais presente nas iniciativas de futebol masculino. Por outro lado, ainda há um grande caminho a percorrer para a ampliação das oportunidades. Um exemplo é a existência, no mapeamento atual, de apenas dois coletivos de mulheres trans: o Angels Volley (SP) e o Super Girls (CE). Outra observação é sobre o fato dos coletivos trans masculinos estarem presentes em poucas modalidades, como futsal, fut7, corrida e basquete.

Formar um time completo, exclusivamente com pessoas trans, é bastante desafiador para a comunidade. Além disso, também há a preferência de algumas pessoas em participar de grupos mistos, com participantes cis e trans, como ocorre nos coletivos Fadas, de handebol, e Tamanduás, de rugby – ambos em São Paulo.

O debate sobre a inclusão de pessoas trans no esporte de alta performance, principalmente de mulheres trans em times cis, está ficando cada vez mais acirrado e vem sendo tomado muitas vezes por preconceito e transfobia. Há um crescente movimento apoiado por parte da sociedade, incluindo a própria comunidade trans, para a criação de categorias exclusivas. Como reflexo, grupos trans têm procurado estabelecer coletivos, torneios e eventos especificamente para seus participantes, como forma de facilitar o acesso ao esporte enquanto não há modelos de inclusão devidamente estabelecidos.

## **GAYMADA, A BOLA DA VEZ**

De forma geral, os coletivos têm uma dimensão principal de lazer. São encontros para a prática esportiva com foco na diversão e socialização, com objetivos secundários de desempenho, condicionamento físico e ativismo. Uma modalidade que ilustra bem esse conjunto de características é a gaymada, uma atividade recreativa que encontrou profunda identificação com a comunidade LGBTQIA+.

O fato de incluir os diferentes corpos e gêneros é uma das principais indicações da motivação e da adesão crescente aos encontros. Também nota-se uma memória afetiva em torno do jogo que era oferecido de forma lúdica na educação física escolar, sem as amarras da separação por gênero e sem as regras rígidas de um esporte tradicional.

Outro ponto de destaque é a possibilidade de expressão performática dos participantes, colocando-se como uma verdadeira expressão cultural. Por isso, a gaymada

desponta-se como uma das práticas mais democráticas, aberta a todos os segmentos LGBTQIA+ e presente não apenas em grandes centros urbanos, mas também em pequenas cidades por todo país. Cabe, então, mencionar a facilidade de realização de partidas em quadras, praças e outros espaços públicos, abrigando iniciativas de variadas dimensões, quantidade e perfis de participantes.

Nesse processo de crescimento, muitos coletivos de gaymada estão atingindo um elevado patamar de identidade, com formas específicas de interação com o público e exposição nos meios de comunicação. Possuem diretrizes dos encontros bem definidas, identidade visual e sede de atuação.

É importante, porém, notar que as iniciativas em torno das gaymadas têm características tanto de coletivos quanto de eventos. Há grupos que organizam atividades e treinos frequentes e, também, torneios periódicos. Sobre as iniciativas identificadas apenas como eventos, por serem pontuais e não terem ações nos intervalos entre as edições, destaca-se o Campeonato Interdrag de Gaymada, de Belo Horizonte (MG).

# EVENTOS INCLUSIVOS DE ESPORTE LGBTQIA+

## A INCLUSÃO NO ESPORTE POR MEIO DA DIVERSIDADE DE EVENTOS

Os eventos esportivos voltados para a comunidade LGBTQIA+ surgiram no Brasil praticamente ao mesmo tempo que os coletivos, ainda que inicialmente não houvesse conexão direta entre esses fenômenos. Vale fazer uma breve linha do tempo com algumas das principais iniciativas:

- Em 1992, surgiu a Liga Gay Amazonense de Vôlei, que tornou-se oficial ao convidar o público para participar das partidas de vôlei que ocorriam desde 1972 entre amigos e conhecidos. Com cada time representando um país, são realizadas até hoje competições de vôlei 4x4.
- Em 1997, para comemorar o 1º aniversário da boate Blue Space em São Paulo (SP), foi organizada uma partida de futebol entre as drag queens da cidade. O evento era mais uma performance cultural, contudo, significativa por associar o futebol com uma das expressões mais provocativas da comunidade LGBTQIA+. Ainda que com algumas pausas desde então, o evento segue sendo realizado.
- Em 2007, o estado do Ceará desenvolveu uma política pública de incentivo ao esporte para a comunidade LGBTQIA+ por meio da criação dos Jogos da Diversidade Sexual, em Fortaleza, que teve 5 edições até 2012, incluindo modalidades tradicionais e lúdicas.
- Em 2011, no Mato Grosso, aconteceu o 1º Meeting MS de Vôlei LGBT, em Campo Grande, com oito equipes do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná.
- Em 2013, nasceu o Gay Surf Brasil, que se transformaria em um evento referência para a comunidade. Sua próxima edição será no final de outubro de 2023, em Florianópolis (SC).
- Em 2015, surgiu a Gaymada de Belo Horizonte (MG), ou Interdrag de Gaymada, que tem caráter cultural e recreativo, com realização contínua. Vale destacar que essa iniciativa inspirou o surgimento de dezenas de outras com o mesmo formato.

Depois dos grandes eventos no Brasil, como a Copa do Mundo de Futebol 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, os eventos LGBTQIA+ tornaram-se mais comuns e frequentes. Muitos são organizados pelos próprios coletivos, outros por órgãos públicos e empresas. Pode-se afirmar que 2017 marca o início dessa nova fase mais consistente de realização de eventos inclusivos, com mais alcance de mídia e de público. Foi nesse período por exemplo, que o grupo CDG Brasil, que estava há 5 anos tentando organizar uma versão do Gay Games no Brasil, viabilizou em parceria com a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, os "Jogos da Diversidade" na capital paulista, reunindo 350 pessoas para competições de natação, futsal, voleibol e gaymada.

Ainda em 2017, aconteceu a 1ª Champions Ligay, no Rio de Janeiro, com oito equipes de homens gays. O evento foi idealizado pela liga de coletivos de futebol recém-formada na época e que passava a estruturar uma agenda importante para os times LGBTQIA+ de futsal e fut7 do país. Nesse mesmo ano, destaca-se a iniciativa do aplicativo de encontros Hornet, que organizou em São Paulo a 1ª Taça Hornet de Futebol da Diversidade também para o público gay.

Os eventos vão se tornando, então, maiores, mais diversificados em modalidades e se expandindo para além do eixo Rio-São Paulo. Porém, com a pandemia da COVID-19, essa trajetória acabou pausada em 2020, sendo retomada em meados de 2022.

## MAPEAMENTO DE EVENTOS LGBTQIA+: A NOVA FERRAMENTA DA PARCERIA ENTRE NIX E NIKE

Mesmo com a diversificação das iniciativas em mais modalidades, a partir do mapeamento realizado pode-se afirmar que os eventos LGBTQIA+ estão estabelecidos em torno da gaymada, do futebol e do vôlei.

**Em um recorte de 2022 (que incluem os eventos realizados) a 2024 (com os eventos anunciados), tem-se atualmente 44 eventos mapeados em 29 modalidades, sendo a gaymada (16), o vôlei (15), o futebol (11) e o handebol (5) os maiores destaques.**

**Em relação ao período até 2021, foram identificados 37 eventos em 20 modalidades, sendo gaymada (14), futebol (13) e vôlei (12) as principais modalidades.**

Como já destacado, futebol e vôlei, juntamente com corrida e natação, estão entre as modalidades mais praticadas e mais desejadas por pessoas que ainda não praticam atividades esportivas. São elas também que apresentam mais coletivos identificados. A partir do crescimento da pluralidade de modalidades junto aos coletivos, acredita-se que uma maior diversificação dos eventos poderá ser observada em um futuro próximo.

Em relação aos critérios para este mapeamento inédito, foram definidas duas diretrizes principais:

- O evento deve ser direcionado predominantemente para a comunidade LGBTQIA+.
- Seja no formato lúdico e recreativo, ou visando competitividade e performance, o evento precisa contemplar a prática de uma modalidade esportiva ou atividade física.

Para denominar aqueles já realizados e sem perspectivas públicas de novas edições, alguns eventos foram classificados como "Inativos". E usou-se a expressão "Ativos" para categorizar as iniciativas realizadas recentemente e/ou com previsão de acontecer nos próximos meses e anos.

## ENTRE AS PECULIARIDADES, A CRIAÇÃO DAS LIGAS E OS EVENTOS MULTIESPORTIVOS

O surgimento e desenvolvimento das ligas em torno de grupos de coletivos é outra realidade do contexto esportivo LGBTQIA+. Em 2017, como já mencionado, foi fundada a Ligay Nacional de Futebol, com grupos de futsal, fut7 e futebol, promovendo competições e amistosos na comunidade. Em 2022, esta mesma organização estabeleceu a Ligay Nacional de Vôlei. Neste ano surge também a Liga Nacional de Futebol e Atletas Trans com o intuito de apoiar e integrar os coletivos e participantes da modalidade.

Em relação aos formatos dos eventos, são muitos os que realizam mais de uma atividade. Esses eventos multi esportivos permitem não apenas a adesão dos praticantes de modalidades mais consolidadas como também atraem adeptos de outras menos populares, além daquelas de caráter mais recreativo e democrático.

Com previsão para acontecer de 14 a 17 de novembro de 2024, em Curitiba, o Brazil Pride Games será o maior evento de esporte LGBTQIA+ do país. Até o momento, estão previstas competições de atletismo, beach tênis, boliche, dança, futebol society, golfe, handebol, jiu-jitsu, judô, natação, tênis de mesa, voleibol, vôlei de praia e xadrez.



## EVENTOS LGBTQIA+ OU EVENTOS GAYS?

As características dos eventos e dos coletivos LGBTQIA+ se refletem mutuamente. Assim como os coletivos têm uma distribuição irregular entre os segmentos da comunidade, o mesmo acontece com os eventos. A grande maioria das iniciativas é voltada para o público gay cisgênero. Por mais que muitos coletivos e eventos sejam abertos para pessoas de outros perfis, isso não se reflete na prática.

Por representar uma das maiores fatias da população LGBTQIA+, segundo diversas pesquisas – como as indicadas no estudo feito pela Nix em 2022, é sim esperado que a maioria dos eventos seja destinada à comunidade gay. Entretanto, essa tendência não justifica, por si só, a baixa existência de iniciativas para mulheres trans e lésbicas, por exemplo, quando comparada com as versões masculinas. O mapeamento não permite respostas conclusivas para tais disparidades, mas algumas reflexões são levantadas.

Mulheres lésbicas e bissexuais estão presentes em coletivos inclusivos mistos com mulheres cisgênero e heterossexuais. Há uma aceitação maior dessas no esporte em geral, como visto na dimensão de alta performance, em especial nas seleções de futebol e vôlei. Ainda que a homofobia e a bifobia sejam desafios presentes, percebe-se que no ambiente feminino elas são um fator menos excludente do que no masculino.

Reforça-se, porém, que o mesmo não pode ser dito em relação à participação das mulheres trans, contexto este que carece de um modelo consolidado de inclusão. Esse cenário coloca a comunidade trans feminina em maior situação de exclusão. Ao menos até agora, não existe um número razoável de coletivos para suas práticas preferidas, não se consegue formar times exclusivos para participação em eventos e não é permitida (ou não é incentivada) a participação, na maioria das vezes, em competições cisgênero.

Apesar da forte transfobia presente no esporte, em alguns aspectos pode-se dizer que a comunidade trans masculina enfrenta menos desafios se comparada com a feminina. Enquanto as mulheres trans sofrem transfobia principalmente por serem vistas como oponentes com vantagens injustas na competição esportiva, os homens trans sofrem mais com o bullying e as interações violentas em jogos coletivos.

# TORCIDAS DE FUTEBOL LGBTQIA+

## POR QUE FALAR DE FUTEBOL É TÃO RELEVANTE?

O futebol é um aspecto cultural central no país e sua categoria masculina possui legiões de seguidores, praticantes e fãs. Famílias e amigos se reúnem para torcer pelos seus times, fazendo do esporte um importante elemento identitário, de sociabilização e integração. A paixão pela modalidade ultrapassa o núcleo familiar, fortalecendo as torcidas que unem os mais diferentes perfis de pessoas, dentro e fora dos estádios.

Ao refletir os valores e as vicissitudes da sociedade em que está inserido, o ambiente em torno do futebol masculino não inclui devidamente a comunidade LGBTQIA+. Entretanto, na busca da fruição da cultura esportiva em todas as suas dimensões, torcer pelos principais times do país também é valorizado por essas pessoas, evidenciando a forte relação da comunidade com o esporte enquanto manifestação sociocultural.

Portanto, a existência dessas torcidas colabora para tornar o futebol mais inclusivo e para que a modalidade seja, de fato, a paixão nacional de todos os brasileiros. É com esta intenção, entre ou-

tras razões, que se justifica a criação do mapeamento de torcidas, contemplando desde as primeiras iniciativas, como a Coligay do Grêmio (RS) e a Flagay, do Flamengo (RJ), até os atuais grupos de torcedores.

Para tanto, foram observados artigos acadêmicos, matérias jornalísticas e conteúdos como os produzidos pelo Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQIA+, em especial o 1º Anuário do Observatório da LGBTfobia no Futebol e o Relatório LGBTQIAP+ e a Copa do Mundo no Catar. Nestes documentos, constam dados importantes, como a ocorrência de 74 casos de LGBTfobia no futebol brasileiro registradas dentro e fora de campo.

As torcidas, que inicialmente eram um grito de rebeldia contra a exclusão, agora se consolidam como manifestação da diversidade e da resistência e luta contra a LGBTfobia e outros atos violentos, misóginos, racistas e xenófobos no esporte e na sociedade. Há uma organização crescente acompanhada de um ativismo atento a cada jogo para que a comunidade de torcedores não sofra as violências comuns do futebol sem uma reação imediata e articulada.

## AS TORCIDAS PIONEIRAS

No final dos anos 70, enquanto o Brasil vivia a reta final da ditadura, algumas organizações da sociedade começaram a se fortalecer e a se manifestar. Foi nesse período que surgiu o Somos (Grupo de Afirmação Homossexual), que fundou a primeira onda do movimento LGBTQIA+, e o Lampion da Esquina, jornal homossexual e combativo, ambos em 1978. Um ano antes dessas iniciativas, surgia a Coligay, a torcida LGBTQIA+ pioneira do Brasil, para apoiar o time de futebol do Grêmio, em Porto Alegre (RS).

Naquele momento, as torcidas organizadas já estavam presentes nos estádios. A LGBTfobia era uma característica da sociedade, porém, a violência ainda era limitada a casos menores. Quando a Coligay chegou ao cenário esportivo com seus uniformes e faixas chamativas, foi uma grande surpresa. Nunca houve uma torcida declaradamente gay no futebol brasileiro. As demais torcidas não sabiam como reagir àquela novidade. O advento

foi recebido com um misto de curiosidade e indignação, mas o grupo conseguiu resistir alguns anos contra ameaças e repressões.

A Coligay inspirou diversas iniciativas na sequência. Entre as mais conhecidas está a Fla-Gay, que apesar de nunca ter entrado no estádio para torcer pelo Flamengo, ficou famosa por sua associação com personalidades cariocas, como o carnavalesco Clovis Bornay, e pela forte oposição da diretoria do clube.

De fato, os jornais da época divulgavam o surgimento de torcidas LGBTQIA+. Algumas com mais registros e testemunhas da sua existência, como a Maré Vermelha, do Esporte Clube Internacional, de Santa Maria (RS), mas boa parte com menções pouco consistentes. Entre as citadas por Luiza Aguiar dos Anjos, em sua tese "São Bichas, Mas São Nossas" (Porto Alegre, 2018) estão:

- **Baleia Gay, Santos Futebol Clube (Santos, SP)**
- **Bragay, Brazão147 (Muriaé, MG)**
- **Fiel Gay e Gayviões da Fiel, Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo, SP)**
- **Flu-gay, Fluminense Football Club (Rio de Janeiro, RJ)**
- **Fo-gay e Peraltas do Fogão, Botafogo de Futebol e Regatas (Rio de Janeiro, RJ)**
- **Força Amor Azul, Goytacaz Futebol Clube (Campos dos Goytacazes, RJ)**
- **Galo-Gay, Clube Atlético Mineiro (Belo Horizonte, MG)**
- **Guagay, Guarani Futebol Clube (Campinas, SP)**
- **Leão-Gay, Sport Club São Paulo (Rio Grande, RS)**
- **Lobogay, Esporte Clube Pelotas (Pelotas, RS)**
- **Palgay, Sociedade Esportiva Palmeiras (São Paulo, SP)**
- **Raposões Independentes, Cruzeiro (Belo Horizonte, MG)**
- **Sãogay e Faugay, São Paulo Futebol Clube (São Paulo, SP)**
- **Torja, Clube Náutico Capibaribe (Capibaribe, PE)**
- **- Zé Gay, Esporte Clube São José (Porto Alegre, RS)**

Importante destacar que algumas citações nos jornais foram feitas de forma pejorativa e jocosa por cartas de leitores, jornalistas e colunistas, com o intuito de provocar o time apoiado e seus torcedores; outras foram feitas de forma muito vagas ou pontuais. De qualquer forma, o tema foi assunto nas colunas de periódicos da época e marcou um primeiro momento de existência das torcidas, caracterizado pela irreverência e o deboche, que durou de 1977 a 1983.

## APÓS UM HIATO, O GRITO DE BASTA

Nos anos 90, a violência explodiu de vez nos estádios, apoiada em um modelo de torcida organizada que valorizava a virilidade, a defesa do time a qualquer preço e o confronto, com frequentes ameaças a torcidas rivais, dirigentes e jogadores. A LGBTfobia ficou mais forte do que nunca, sendo expressa em cânticos e xingamentos. Foi um período caracterizado por um hiato da presença LGBTQIA+ no futebol.

Por outro lado, a sociedade brasileira e a comunidade continuaram a se desenvolver e o movimento LGBTQIA+ se tornava cada vez mais forte. Políticas públicas começaram a se espalhar e impactar pessoas e organizações. Em 2013, o casamento civil de pessoas do mesmo sexo foi apro-

vado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e o país caminhava para os grandes eventos. Neste início do século XXI, diversas ações começaram a ser tomadas pelas entidades esportivas e autoridades no intuito de coibir a violência e a intolerância no futebol.

Foi, então, em 2013, que a torcedora Nathalia Duarte criou uma página em rede social para a torcida gay Galo Queer, do time Atlético Mineiro (Belo Horizonte, MG). A inovação foi recebida com violência pelas demais torcidas do time, com manifestações homofóbicas, ameaças e xingamentos, mas ganhou o apoio de torcedores e da comunidade LGBTQIA+, que viu na iniciativa uma forma de luta contra a intolerância e a favor da diversidade. O fenômeno fez surgir outras torcidas em redes sociais com caráter semelhante. No entanto, a virulência com que foram recebidas as impediram de transformar a mobilização em algo fisicamente presente nos estádios. Entre as torcidas que surgiram neste momento estavam:

- **Bambi Tricolor, São Paulo FC (São Paulo, SP)**
- **Corinthians Livre, Corinthians (São Paulo, SP)**
- **Cruzeiro Maria, Cruzeiro (Belho Horizonte, MG)**
- **EC Bahia Livre, Bahia (Salvador, BA)**
- **Flamengo Livre, Flamengo (Rio de Janeiro, RJ)**
- **Gaivotas Fiéis, Corinthians (São Paulo, SP)**
- **Grêmio Queer, Grêmio (Porto Alegre, RS)**
- **Palmeiras Livre, Palmeiras (São Paulo, SP)**
- **Queerlorado, Internacional (Porto Alegre, RS)**
- **Timbu Queer, Náutico (Recife, PE)**
- **Vitória Livre, Vitória (Vitória, ES)**

Entre essas torcidas, a Gaivotas Fiéis ganhou repercussão especial por ser fundada por Felipeh Campos, apresentador de TV e jornalista. Enquanto as demais foram criadas no mês de abril de 2013, no fluxo da repercussão da Galo Queer, a Gaivotas foi anunciada em outubro do mesmo ano. Felipeh havia criado o grupo como forma de conscientização contra a homofobia após seu namorado ter sido agredido por um torcedor. Na sua opinião, era mais eficiente criar a torcida do que expor a agressão a fim de fazer os torcedores refletirem sobre a intolerância no futebol.

Com exceção da Palmeiras Livre, as demais torcidas ficaram limitadas a uma página na rede social Facebook, deixando de existir meses após surgirem, inclusive tendo suas páginas deletadas. De qualquer forma, teve-se o grande mérito de expor novamente a LGBTfobia presente no esporte, chamando a atenção da mídia e da sociedade para o tema.



## SEM MAIS RETROCESSO: AS TORCIDAS QUE VIERAM PARA FICAR

Enquanto a Seleção Brasileira Masculina de Futebol passaria do vexame da derrota do "7 a 1" em casa, ocorrido na Copa do Mundo de 2014, para a consagração da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, nos pênaltis, em 2016, em ambas as vezes contra a Alemanha, uma revolução de acesso ao esporte acontecia protagonizada pela comunidade LGBTQIA+: diversos coletivos e eventos eram criados, permitindo a inclusão de milhares de pessoas em atividades esportivas.

Foi a partir de uma comunidade com mais acesso a direitos sociais recém adquiridos, somada a um movimento social fortalecido e aos meios de organização e comunicação facilitados pelas redes sociais – em convergência com a pauta nacional positiva dos megaeventos, que se criou um ambiente favorável para que o esporte LGBTQIA+ definitivamente *saísse do armário*.

Esse movimento também impactou os torcedores, que se sentiram impulsionados a se organizarem para torcer abertamente para seus times, resistindo à forte pressão que ainda sofrem ao tentarem vivenciar plenamente o futebol, o que a Nix identifica como a última e maior fronteira da LGBTfobia no esporte brasileiro.

Dessa forma, lutar contra o ambiente intolerante da modalidade mais querida e popular do país torna-se fundamental para a construção de uma sociedade que não nega o acesso de seus cidadãos LGBTQIA+ a direitos sociais, incluindo a fruição esportiva. É com essa mistura de ativismo com a paixão genuína pelo esporte, que novas torcidas vêm surgindo. Juntando-se à Palmeiras Livre (SP), são formados os seguintes grupos:

- **FlaGay, Flamengo (RJ), 2016**
- **Papão Livre, Paysandu (PA), 2017**
- **Canarinhos LGBTQIA+, Seleção Brasileira, 2019**
- **Coxa LGBTQ+, Coritiba (PR), 2019**
- **Fiel LGBT, Corinthians (SP), 2019**
- **Furacão LGBT, Athletico Paranaense (PR), 2019**
- **LGBTreze, Treze FC (PB), 2019**
- **LGBTricolor, Bahia (BA), 2019**
- **Marias de Minas, Cruzeiro (MG), 2019**
- **Orgulho Rubro Negro (RJ), Flamengo (RJ) 2019**
- **Orgulho Vermelho, Internacional (RS), 2019**
- **Porcoíris, Palmeiras (SP), 2019**
- **Coral Pride, Santa Cruz (PE), 2020**
- **Frasqueira LGBT, ABC Futebol Clube (SP), 2020**
- **Leões com Orgulho, Clube do Remo (PA), 2020**
- **LGBTQIA Botafogo, Botafogo (RJ), 2020**
- **Paraná LGBTQ, Paraná Clube (PR), 2020**
- **Periquito LGBTQIA, Goiás Esporte Clube (GO), 2020**
- **São Paulo FC Livre, São Paulo FC (SP), 2020**
- **Sport Recife LGBT, Sport (PE), 2020**
- **Vasco LGBTQ+, Vasco (RJ), 2020**
- **Vozão Pride, Ceará Sporting Club (CE), 2020**
- **Tigrão LGBT, Vila Nova Futebol Clube (GO), 2021**
- **Fora da Toca, América FC (MG), 2022**
- **Coringay, Corinthians (SP), 2023**
- **Santos Pride, Santos (SP), 2023**

Entre essas torcidas, apenas LGBTreze, Orgulho Vermelho, Periquito LGBTQIA, SPFC Livre e Sport Recife LGBT estão, no momento, desativadas. As demais encontram-se organizadas e se uniram em torno do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQIA+, iniciativa pioneira e de amplo impacto que também representa a torcida da Seleção Brasileira.

Ainda que longe de ser uma representação ideal da amplitude do território nacional, uma vez que há concentração no Sul e Sudeste – refletindo as localidades dos times mais populares do país, celebra-se a existência de grupos de torcedores em todas as regiões. Nesse sentido, após o surgimento da Santos Pride, e segundo o estudo Atlasintel (2023), apenas São Paulo FC (SP) e Fluminense (RJ), não possuem uma torcida LGBTQIA+ publicamente ativa.

## DA PRESENÇA NOS ESTÁDIOS PARA AS PRÓXIMAS CONQUISTAS

No momento, as torcidas ensaiam sua presença com a devida visibilidade nos estádios. Seus integrantes realizam encontros virtuais e presenciais para falar dos times e do planejamento de ações. Algumas, como a LGBTricolor, que reúne torcedores do Bahia (BA), já se encontram do lado de fora do estádio e vão juntos para a arquibancada. Há, inclusive, o desejo de irem como torcidas organizadas aos jogos. Contudo, ainda há um grande desafio: garantir sua segurança física, dado que continuam recebendo ameaças e hostilidades no ambiente virtual.

As redes sociais são um bom termômetro do risco que assumem ao ir ao estádio de forma identificada como torcida LGBTQIA+. Há uma clara resistência de boa parte dos torcedores em geral em aceitar o fim de xingamentos, cânticos e outras formas de violências, que, para muitos, são ainda considerados parte da cultura do esporte.

Mesmo com tais desafios, as torcidas LGBTQIA+ seguem empenhadas em estabelecer uma maior proximidade com os clubes, estimulando campanhas contra a LGBTfobia e buscando convencê-los de que oferecer um ambiente seguro e acolhedor para a comunidade é benéfico para todas as partes. A valorização da diversidade é cada vez mais relevante para as novas gerações, e os times que não são inclusivos correm o risco de perder prestígio e seguidores. Ao excluir as torcidas LGBTQIA+, os clubes estão perdendo a oportunidade de conquistar mais torcedores engajados e fiéis. Portanto, é fundamental que compreendam a importância de acolher e apoiar a diversidade em seus estádios, garantindo um ambiente inclusivo e aberto para todos os torcedores.

Essa rede de torcidas tende a ter um papel fundamental também no acolhimento de atletas bissexuais e homossexuais que atuam na alta performance do futebol masculino. Esse cenário não foi possível para Richarlyson (ex-jogador do São Paulo FC) e Douglas Braga (ex-Botafogo). Em 2022, Richarlyson finalmente pode expor sua bissexualidade após anos de acusações pejorativas sobre ser gay, tendo que esconder essa dimensão fundamental da sua vida. Já Douglas abandonou o esporte profissional nos anos 2000 para poder viver livremente sua sexualidade.

Como já acontece internacionalmente e em outras modalidades, com a ajuda das torcidas LGBTQIA+, o ambiente está cada vez mais favorável para que finalmente os atletas possam ser identificados como gays ou bissexuais ainda em atividade.

Da mesma forma, a inserção de atletas trans poderá, em algum momento, contar com apoio das torcidas. Um caso a acompanhar é do jogador Marcelo Nascimento Leandro (ex-Corinthians, antes da transição) que vem se preparando para voltar aos campos em um time masculino.

Por fim, vale aqui um apontamento crítico sobre a reprodução pela comunidade LGBTQIA+ da intensa atenção da torcida voltada para as equipes masculinas, enquanto pouca ou nenhuma é reservada aos times femininos. Pela sensibilidade projetada em torno da comunidade enquanto público minorizado, esperava-se um interesse maior dessas torcidas para a modalidade feminina, inclusive porque a lesbofobia, bifobia e transfobia são obstáculos apontados pelas atletas em depoimentos e entrevistas.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte da população LGBTQIA+ ainda não tem acesso à prática e fruição do esporte. Além dos desafios comuns aos brasileiros, muitas dessas pessoas enfrentam dificuldades adicionais como preconceito e falta de iniciativas inclusivas que as impedem de praticar atividades físicas e esportivas de forma regular, com segurança e em ambientes acolhedores.

Visando quebrar algumas dessas barreiras, a Nix Diversidade, em parceria com a Nike, vem investindo em soluções que contribuam com o acesso e uma melhor experiência da comunidade com o esporte, em suas diferentes manifestações e dimensões.

É neste contexto que se encontram os **mapeamentos de coletivos, eventos e torcidas de futebol LGBTQIA+**. As ferramentas, com acesso gratuito e com filtros de localidade, modalidade e perfis LGBTQIA+, estão disponíveis no site: <https://nixdiversidade.org/eventos-esportivos-lgbtqia/>

Os visitantes podem contribuir com a atualização dos mapeamentos ao indicar outras iniciativas com abordagens similares, além de serem incentivados a interagir com os coletivos, eventos e torcidas por meio dos canais de comunicação disponibilizados para o contato direto.

Com os conhecimentos e as vivências acumuladas ao longo desses anos de imersão para melhor compreensão da relação da comunidade LGBTQIA+ com o esporte, acreditamos no potencial dessas iniciativas como umas das principais estratégias em prol da disseminação e valorização da cultura esportiva no país.

Portanto, elevar a atuação e contribuir para trazer mais apoio e visibilidade aos coletivos, eventos e torcidas mapeadas é prioritário para nós, que estamos comprometidos com a construção de um esporte com mais diversidade e inclusão. Ou seja, com mais respeito e oportunidades.

**Um futuro mais ativo e melhor para esta e as próximas gerações.**



## **NIX DIVERSIDADE E ECONOMIA SOCIAL**

CNPJ: 04.332.178/0001-90

**[www.nixdiversidade.org](http://www.nixdiversidade.org)**

Contato:

+ 55 (11) 9.9621-7271

+ 55 (11) 2737-4700

[contato@nixdiversidade.org](mailto:contato@nixdiversidade.org)

@nixdiversidade



**nix** DIVERSIDADE E  
ECONOMIA SOCIAL

